

# Prémio Carreira

*Fernão Simões de Carvalho*

*Bom Sucesso Resort, Óbidos, 30 de Maio de 2026*

Senhoras e Senhores,

Caros colegas,

O Arquitecto Fernão Simões de Carvalho não pôde estar hoje connosco. Aos noventa e seis anos, e depois de uma vida em três continentes, o lugar onde melhor se está é, muitas vezes, em casa. A Secção Regional de Lisboa e Vale do Tejo da Ordem dos Arquitectos saúda com afecto a família que aqui o representa, e a quem pedimos que lhe leve, ao longo da noite, os aplausos que esta sala lhe vai destinar.

Não o tendo aqui, fazemos o que talvez seja a homenagem mais adequada a um homem que dedicou a vida à obra: lemos a sua obra em voz alta. Em vez de lhe falar, falamos dele. E em vez de uma carta, fazemos um retrato.

O retrato organiza-se, como se organizou a sua vida, em três tempos.

## **I. O Arquitecto**

Fernão Lopes Simões de Carvalho nasceu em Luanda em 1929, no edifício 31 de Janeiro, na praça da Mutamba. Filho de portugueses chegados à cidade nove anos antes. Cresceu junto aos musseques. É dali que se parte, e é para ali que regressa a sua obra inteira.

Aos catorze anos veio para Lisboa. Liceu de Camões, Escola de Belas Artes. Pensou ser engenheiro, era o que se pensava, no Portugal de Salazar, quando se

queria "fazer cidade". Mas o caminho era a arquitectura. E, mais precisamente, o urbanismo. E para se ser urbanista naquele Portugal, não havia para onde ir.

Em 1956, com vinte e seis anos, sem dinheiro e ainda sem bolsa, fez o que fez muita gente da sua geração quando se decidia a fazer alguma coisa a sério: foi para Paris. Diz-se que apanhou a boleia de um casal em lua-de-mel. Levou a carta de Le Corbusier na mala antes de saber se chegaria à mão do destinatário.

Le Corbusier estava em Chandigarh. Foi recebido pelo seu sócio, André Wogenscky. E é nessa entrevista que acontece a cena que se tornou, com o tempo, a marca de água da sua biografia: disse a Wogenscky, com a frontalidade dos vinte e seis anos, que sabia tudo sobre a Unidade de Habitação de Marselha. Não sabia. Mas naquela noite, em Paris, comprou tudo o que havia sobre Marselha, e estudou-a inteira. No dia seguinte foi posto a desenhar a Unidade de Habitação de Berlim, e era exactamente preciso saber Marselha de cor para a desenhar.

Ficou. Foi o terceiro português a trabalhar no atelier de Le Corbusier. Quase quatro anos. Berlim, a Maison du Brésil, o Convento de La Tourette. O betão à vista. O Modulor. O sistema das sete vias. E, em paralelo, a Sorbonne, o Instituto de Urbanismo, com Robert Auzelle. Quando voltou a Luanda em 1959, era já uma das poucas pessoas em todo o território português com formação avançada de urbanismo, e a única com a marca directa do mestre suíço-francês.

A obra construída que se segue tem o betão como matéria, o Modulor como sistema, e o trópico como circunstância. O Centro de Radiodifusão de Angola, com José Pinto da Cunha e Fernando Alfredo Pereira, obra que os luandenses, ainda hoje, tratam com carinho. A Capela do Bairro de São Paulo. O Mercado do Caputo. A sua própria casa no bairro do Prenda, projectada em 1966. Quem desenha cidades não se contenta em desenhá-las para os outros, vai viver dentro do que desenhou. E mais tarde, já em Portugal, a casa-atelier de Queijas, hoje em processo de classificação como Património Cultural, talvez a mais bela casa de

betão feita no nosso país. Os vizinhos, com a simplicidade que normalmente acerta, chamam-lhe "a casa de betão".

## **II. O Urbanista**

Mas a arquitectura, para Simões de Carvalho, foi sempre o lado visível de uma outra coisa, maior e mais difícil, que era o urbanismo.

Em 1961, com trinta e dois anos, ele não entra para o Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal de Luanda. *Cria-o*. Reúne uma equipa multidisciplinar com engenheiros, desenhadores, maquetistas, um topógrafo, um pintor. Chama-lhe, ele próprio, "uma verdadeira escola de urbanismo".

E é desse gabinete que sai a obra que define a sua carreira: a Unidade de Vizinhança nº 1, no musseque Prenda. Trinta hectares. Vinte e dois edifícios. Projectados entre 1963 e 1965 com Luíz Taquelim da Cruz. É o Le Corbusier do sistema das sete vias, do Modulor e do betão, transportado para África. Mas com uma diferença fundamental, que vinha sobretudo de Auzelle: a integração social. Africanos e europeus, pobres e ricos, na mesma unidade de vizinhança, em percentagens semelhantes. Bairros-escola. Equipamentos de proximidade. Assistentes sociais no terreno. Uma cidade misturada, num país que se queria separado.

Não foi inteiramente cumprido. Algumas peças do plano nunca chegaram a construir-se. Outras foram-se degradando. Em 2023 um dos lotes precisou de ser evacuado. Mas o que se construiu mantém-se, e mantém-se, sobretudo, como ideia. Como hipótese. Como prova de que se podia ter feito de outra maneira, e de que houve quem o tentasse.

Em 1967 regressou a Lisboa para integrar o Gabinete Técnico de Habitação da Câmara Municipal. Olivais e Chelas, já em fase avançada. Foi crítico onde foi preciso, disciplinador da qualidade urbanística num momento em que a pressão

para abrandar era grande. Em 1971 a Câmara Municipal de Lisboa atribuiu-lhe a Medalha de Prata pelos serviços prestados.

Depois do 25 de Abril veio o Brasil. Disse anos mais tarde, e a frase é dele, perfeitamente documentada, que foi o país onde mais trabalhou e onde melhor foi acolhido. Projectou três cidades. Colaborou em planos para Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro. Foi consultor da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio. Manteve, em todos esses lugares, uma maneira de ser urbanista que se reconhece à distância: estudos prévios, inquéritos aos habitantes, leitura demorada do território. Não se desenhava ruas sem saber quem por elas ia passar.

### **III. O Professor**

Regressou definitivamente a Portugal em 1979. Na bagagem, a obra de três continentes. Na disposição, já outra coisa, a vontade de transmitir.

Ingressou na ESBAL como Professor Assistente. Passou à categoria de Professor Convidado na FAUTL, em 1987. Foi Presidente do Conselho Pedagógico. Leccionou Projecto, leccionou Urbanismo. Tinha sob a sua orientação estudantes que mal sabiam quem era Le Corbusier, e saíam das aulas com o Modulor desenhado à mão e a noção, já firme, de que a cidade não se desenha em folha branca.

Formou gerações. Continuou a pensar, a desenhar, a publicar. E continuou a ser convidado para conferências, em Lisboa e em Luanda, em São Paulo e em Madrid, em Tóquio e em Joanesburgo. Em 2008 voltou à Universidade do Minho para um seminário sobre urbanismo colonial. Em 2011 esteve em Luanda no Seminário da União Africana de Arquitectos. Em 2013 abriu, na FAUL, o ano dos cursos de doutoramento. A sua obra, ao mesmo tempo, era inventariada, trabalho que culminou no livro de Célia Maia, publicado em 2019, e foi entrando nos manuais, primeiro discretamente, depois a sério.

E em 2022, no Círculo da Arquitectura, no Dafundo, abriu uma exposição com um título que diz tudo: *O Moderno Brutalista*.

\*

Uma vida inteira a fazer três coisas em simultâneo: projectar, planear, ensinar. Três coisas que muitos dos nossos colegas separam, e que ele insistiu, sessenta anos, em manter juntas. Porque para Simões de Carvalho, e isto talvez seja o resumo possível da sua doutrina, a arquitectura sem urbanismo é obra solta, e o urbanismo sem ensino é plano que morre com o seu autor.

Disse uma vez, em entrevista, que nunca se tinha metido em política, e que a sua política era o urbanismo. Hoje, ao homenageá-lo na mesma noite em que se homenageia uma outra forma de servir a cidade, esta Secção Regional faz um gesto deliberado: lembra que a profissão que partilhamos tem mais de um caminho legítimo. O caminho da palavra cívica. E o caminho da obra paciente. Ambos são nossos.

A Secção Regional de Lisboa e Vale do Tejo da Ordem dos Arquitectos atribui esta noite o Prémio Carreira ao Arquitecto Fernão Simões de Carvalho: pela obra construída em Angola, Portugal e Brasil; pela conceção de uma das maiores tentativas de urbanismo socialmente integrado feitas em África; pela formação de gerações de arquitectos portugueses; e por uma vida em que o desenho da cidade nunca foi separado das pessoas que nela iam viver.

À sua família, aqui presente, pedimos que lhe transmita um agradecimento muito sentido desta Ordem, e os parabéns desta sala, que nesta noite é também sua.